DEZESSEIS OBRAS ESSENCIAIS PARA SE COMPREENDER A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

João Paulo Pimenta (DH)

A Independência do Brasil é um tema tratado amplamente por historiadores e cientistas sociais, mas também fortemente presente no imaginário histórico da sociedade brasileira da atualidade. A produção a seu respeito é muito numerosa, fortemente diversificada em temas específicos e enfoques e, desde pelo menos a década de 1980, encontra-se em constante processo de renovação. Por isso, qualquer seleção de obras como esta que ora se apresenta – limitada, preliminar e puramente indicativa – padecerá dos malefícios da omissão, da parcialidade e da subjetividade, quiçá compensadas por sua serventia didática. Além disso, as quinze obras aqui apresentadas são reconhecidamente importantes para a compreensão do tema.

A história da história da Independência começa ainda no século XIX, em meio ao próprio processo de separação política entre Brasil e Portugal. Processo este que trará, como suas consequências mais profundas e duradouras, o surgimento de um Estado e de uma nação – brasileiros – até então inexistentes. As obras de José da Silva Lisboa (**História dos principais sucessos políticos do Império do Brasil dedicada ao senhor D. Pedro I**. Rio de Janeiro: Typ. Imperial e Nacional, 1827-30) e John Armitage (**The History of Brazil from the Period of the Arrival of the Braganza Family in 1808, to the Abdication of Dom Pedro the Firsth in 1831**. London: Smith, Elder and Co., 1836) são cronologicamente pioneiras, e oferecem excelente amostragem de tópicos que seriam doravante reproduzidos e/ou revisados pela historiografia da Independência. Bastante próximas dos acontecimentos que descrevem e analisam, são também fortemente

marcadas por posições políticas engajadas, derivadas desses envolvimentos, devendo, portanto, ser lidas com especial cuidado (dizemos *especial*, pois toda e qualquer obra historiográfica deve ser lida com cuidado, procurando-se envolvê-la em seu contexto histórico, na atuação e pensamento específicos de seu autor, e nos diálogos sincrônicos e diacrônicos com outras obras e com paradigmas de análise).

As obras de Silva Lisboa e Armitage oferecem, ainda, uma boa base para a leitura da obra de Francisco Adolfo de Varnhagen (**História da Independência do Brasil até o reconhecimento pela antiga metrópole, compreendendo separadamente a dos sucessos ocorridos em algumas províncias até esta data**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1917), o maior historiador brasileiro daquele século, e que, elaborada a partir de vasto trabalho empírico, seria publicada somente após a sua morte.

Na passagem para o século XX, ainda tributária da tradição documentalista de Varnhagen – e de muitos historiadores brasileiros e de outros países à mesma época – a obra de Manuel de Oliveira Lima deve ser mencionada pela influência doravante exercida, bem como por sua capacidade de revelar – nem sempre com a desejada precisão – informações e documentos valiosos acerca da Independência. De sua considerável produção a respeito, pode-se destacar **D. João VI no Brasil, 1808-1821** (Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1908).

A renovação intelectual no campo das ciências humanas brasileiras ocorrida a partir da década de 1930 incidiu fortemente sobre a historiografia da Independência, tema inescapável para pensadores preocupados com a trajetória histórica do país e as raízes coloniais de suas estruturas socioeconômicas nacionais. Tal produção variou em termos de ênfase no processo de Independência, sendo provavelmente Caio Prado Júnior (**Evolução política do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1933) o que, de modo mais contundente, ofereceu uma interpretação do processo. E embora Sérgio Buarque de

Holanda também deva ser inserido nesse contexto, é seu ensaio da década de 1960 o que mais poderosamente influenciou a historiografia da Independência ("A herança colonial – sua desagregação", in **História geral da civilização brasileira t. II v.1: o processo de emancipação**. São Paulo: Difel, 1962). No meio do caminho, a extensa coletânea de biografias de personagens centrais do processo de Independência, realizada por Octávio Tarquínio de Sousa (**História dos fundadores do Império do Brasil**, Rio de Janeiro: José Olympio, 1958), merece destaque por seu equilíbrio entre ampla oferta de informações e boa capacidade interpretativa.

Em outro contexto de renovação intelectual, posicionado entre meados da década de sessenta e a década seguinte, os ensaios interpretativos de Emília Viotti da Costa ("Introdução ao estudo da emancipação política do Brasil", in C. G. Mota, org., **Brasil em perspectiva**. São Paulo: Difel, 1969) e de Maria Odila da Silva Dias ("A interiorização da metrópole", in C. G. Mota, org., **1822: dimensões**, 1972) são centrais, podendo ser muito proveitosamente comparados em suas diferenças recíprocas, bem como em relação aos livros de José Honório Rodrigues (**Independência: revolução e contra-revolução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975-1976, 5 v.), este provavelmente o mais extenso já produzido sobre o tema; de José Murilo de Carvalho (**A construção da ordem: a elite política imperial**. Rio de Janeiro: Campus, 1980); e de Fernando Novais & Carlos Guilherme Mota (**A Independência política do Brasil**. São Paulo: Moderna, 1986).

No tocante à historiografia portuguesa, que naturalmente tratou e continua a tratar do processo Independência do Brasil, geralmente com ênfase em subtemas mais diretamente afeitos à história europeia, como a transferência da Corte para o Rio de Janeiro, as guerras napoleônicas e a revolução constitucional de 1820, é imprescindível mencionar-se o livro de Valentim Alexandre (**Os sentidos do império: questão**

nacional e questão colonial na crise do Antigo Regime português, 1993), de grande amplitude temática e documental, mas nem sempre com viés interpretativo de qualidade equivalente. De volta à historiografia brasileira, pouco depois do livro de Alexandre seria publicado o de Maria de Lourdes Lyra (**A utopia do poderoso império - Portugal e Brasil: bastidores da política 1798-1822**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994).

A pluralidade de enfoques espaciais, temporais, temáticos e teórico-metodológicos típica da historiografia da Independência dos últimos vinte anos – uma historiografia que nunca foi exclusivamente brasileira -, ainda marcante na atualidade, encontra seus mais perfeitos repositórios em duas coletâneas, organizadas por István Jancsó (**Independência: história e historiografia**. São Paulo: Hucitec/ Fapesp, 2005) e Jurandir Malerba (**A Independência brasileira: novas dimensões**. Rio de Janeiro: FGV, 2006), na qual autores (alguns dos quais ainda muito ativos) como Alexandre Barata, Ana Cristina Araújo, Ana Rosa da Silva, André Machado, Andréa Slemian, Cecília Helena Oliveira, Denis Bernardes, Helga Piccolo, Hendrik Kraay, Iara Lis Schiavinatto, Ilmar de Mattos, Kirsten Schultz, Lúcia Neves, Luiz Geraldo Silva, Márcia Berbel, Marco Morel, Marcus Carvalho, Matthias Assunção, Miriam Dolhnikoff, Rafael Marquese e Wilma Peres Costa mostram não apenas elaborações bastante atuais, mas também filões que seguem sendo pouco explorados. Nesses dois livros encontram-se, ainda, bons balanços bibliográficos da historiografia da Independência que certamente poderão ajudar o leitor a preencher as muitas (algumas das quais graves) lacunas dessas breves e introdutórias páginas que ele acaba de ler.